

**A psicologia comunitária:  
considerações teóricas e práticas\***

MARIA ALICE D'AMORIM\*\*

1. As responsabilidades sociais da psicologia atual; 2. O papel da psicologia comunitária diante das responsabilidades.

O artigo focaliza as responsabilidades sociais da psicologia atual, os conflitos entre as posições básica e aplicada e a necessidade da relevância nas pesquisas de psicologia social. O papel da psicologia comunitária é visto através de seus diversos campos de atuação e da importância de uma formação interdisciplinar e prática para aqueles que pretendem trabalhar nesta área.

**1. As responsabilidades sociais da psicologia atual**

George Miller ao assumir a presidência da APA, em 1969, afirmou sua preocupação com a necessidade de aplicar os conhecimentos obtidos através do estudo sistemático do comportamento humano, em situações de laboratório, às realidades da vida social. Ele declarou textualmente: "Não posso imaginar nada de mais relevante para o bem-estar da humanidade e que apresente um desafio maior à nova geração de psicólogos do que a descoberta da melhor maneira de aplicar o saber psicológico".

Esta reflexão acerca do emprego dos conhecimentos psicológicos à vida prática e ao desenvolvimento de melhores condições de existência nos coloca inicial-

\* Artigo apresentado à redação em 11.6.79.

\*\* Do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa.

mente em face do problema das relações entre ciência aplicada e ciência pura. As atitudes dos pesquisadores diante deste assunto divergem bastante, porém podemos, *grosso modo*, dividi-los em dois grupos: aqueles que consideram o conhecimento científico como um valor terminal, independente das conseqüências, e aqueles que consideram como um bem, apenas na medida em que ajuda a resolver os problemas humanos básicos.

Kenneth Ring e William Mc Guire são dois psicólogos sociais cujas afirmações exemplificam estas duas posições. Ring (1967) tem definido a aplicação da psicologia à ação social. Segundo ele, a pesquisa pura e a aplicada tem-se afastado gradualmente uma da outra na última década e este afastamento é indesejável. Ele afirma que os investigadores que se dedicam à pesquisa básica têm evitado sistematicamente os problemas de ampla significação social, dedicando-se a estudar aspectos ainda não explorados do comportamento e passando de um tópico a outro sem aprofundá-los suficientemente para o desenvolvimento de aplicações práticas. Assim, o estudo de Milgram (1963) sobre a obediência, amplamente divulgado, tornou-se instantaneamente um clássico, porém muito poucos autores exploram suas conclusões; as críticas a ele feitas referem-se principalmente a aspectos éticos e metodológicos. Não houve porém um esforço para aplicar os resultados obtidos no laboratório às situações de vida diária e nem mesmo a condenação do Tenente Calley pelo massacre de My Lay provocou uma intensificação de tais estudos. Para Ring, a pesquisa psicológica está basicamente ligada a valores, pois o psicólogo tem posição ao escolher os assuntos a serem estudados.

Mc Guire (1967) considera que as posições de pesquisa básica e aplicada tendem a se confundir no futuro; o ideal será a pesquisa de orientação teórica realizada em situações naturais. Segundo ele, nada é mais relevante para a solução dos problemas da vida real do que uma teoria desenvolvida no laboratório. Assim, ele discorda de Ring em dois pontos: acredita que a principal obrigação do cientista é a elaboração teórica, concordando com a afirmação de K. Lewin de que "nada é mais prático do que uma boa teoria". As teorias devem ser testadas em condições naturais, porém esta tarefa não cabe obrigatoriamente ao pesquisador que as elaborou. Mc Guire também discorda das afirmações de King sobre a irresponsabilidade dos cientistas teóricos que perseguem as novidades sem dar estabilidade às conclusões obtidas. Para ele há lugar para todos os enfoques dentro da psicologia social. Afirmações mais recentes — Rodrigues (1976), Silverman (1977) — confirmam a necessidade de um maior desenvolvimento do contexto de descoberta na área da psicologia social e previnem acerca dos perigos de permanecer apenas no nível da pesquisa de confirmação.

Tanto Ring como Mc Guire afirmam que o psicólogo social deve estudar populações mais variadas e com mais profundidade do que foi feito até agora. Pode-se realmente generalizar os resultados típicos obtidos com estudantes universitários a políticos, banqueiros, artistas ou lavradores? Na realidade os resultados obtidos com estudantes voluntários não seriam nem mesmo generalizáveis à população dos estudantes.

Hilgard (1971) defende a existência de dois conceitos de responsabilidade científica. A integridade dos dados científicos deve estar acima de qualquer crítica; o cientista deve relatar seus resultados de modo claro, objetivo e completo, mesmo que eles sejam contrários a sua teoria preferida. Por outro lado, a aplicação dos resultados deve ser considerada em relação a suas implicações ambientais e sociais.

A ciência social deve também assumir esta dupla responsabilidade. Pode-se assim falar de três tipos de pesquisa em relação ao grau de relevância de seus resultados: a) a pesquisa básica, que em geral não apresenta relevância imediata para a melhoria da qualidade de vida; b) a pesquisa aplicada, que não difere da primeira pela sua metodologia e sim pelo maior interesse na utilidade de seus resultados para a vida social; c) a pesquisa de desenvolvimento, que tem como objetivo um produto que possa ser imediatamente utilizado.

Para Hilgard, se a pesquisa social pretende ser responsável não apenas como boa ciência, mas também no segundo sentido do termo, ela deve preocupar-se com a qualidade de vida. A pesquisa básica intensiva para as teses de doutorado deve ser em alguma medida substituída pela busca de indicadores sociais, correspondendo aos indicadores econômicos. Este tipo de pesquisa implica valores, pois a busca destes indicadores leva à avaliação da qualidade de vida, de acordo com a definição prévia do que é desejável ou não para o indivíduo ou o grupo. Os pesquisadores sociais devem pois ser capazes de encontrar valores acerca dos quais exista algum acordo, aceitando os valores diversos dos seus sem um conflito muito grande, e colaborando para chegar a um consenso.

## **2. O papel da psicologia comunitária diante das responsabilidades**

O denominador comum da psicologia de comunidade é difícil de determinar, pois as opiniões variam. Para alguns, este denominador seria a concordância nos valores dos indivíduos interessados neste domínio e sua aceitação da responsabilidade social. Para outros, a característica básica seria o local de trabalho ou uso de novas técnicas e habilidades. Finalmente, pode-se considerar como critério o ponto de vista comum com relações às aplicações práticas de uma psicologia voltada para a prevenção.

Ao atuarem na comunidade visando a renovação de sua estrutura e instituições, esses psicólogos se vêem diante de três tipos possíveis de estratégia de mudança: a primeira, considerada como empírica-racional, assume que o homem agirá com base na melhor informação obtida; assim, para melhorar a capacidade de decisão dos indivíduos, basta apresentar-lhes os fatos de maneira mais clara e completa; a estratégia normativa-reeducativa pressupõe um homem inteligente e racional, sofrendo porém as limitações da cultura em que vive, de seus valores e tradições. Assim, reconhece que antes de tentar modificar o comportamento de uma pessoa, grupo ou comunidade, deve-se considerar os fatores culturais; a ter-

ceira estratégia baseia-se no poder econômico, político ou social como instrumento de mudança. Assim, podemos citar nos EUA a legislação dos direitos civis que obrigou os municípios a integrarem as escolas e as demonstrações populares que levaram à diminuição das práticas discriminatórias no recrutamento empresarial.

Scribner (1968) propõe uma definição da psicologia comunitária baseada no tipo de profissionais que trabalham neste domínio e nas estratégias por eles empregadas. Encontra quatro tipos de psicólogos comunitários: a) os engajados em movimentos sociais; b) os interessados em ação social; c) os que possuem uma nova visão clínica; d) aqueles voltados para a engenharia social.

Os psicólogos engajados em movimentos sociais identificam-se com as aspirações de grupos políticos e sociais que visam a mudança social. Neste grupo encontramos diferenças ideológicas importantes entre os psicólogos interessados pela política como estratégia de mudança dentro do sistema existente e os interessados em mudanças mais profundas na natureza econômico-social. O elemento comum entre os diferentes membros deste grupo consiste num quadro de referência extrapsicológico, acerca dos problemas sociais contemporâneos e um engajamento nos movimentos que levam à mudança através do poder coercitivo.

Os psicólogos interessados em ação social atuam como profissionais em programas que visam a melhoria das condições humanas, através de esforços dirigidos à solução de um problema social específico. Para alguns, o aspecto mais importante da ação social é a participação da comunidade na planificação dos programas; para outros, o importante é a participação dos clientes neste planejamento, pois eles serão o objeto desses programas.

Nesta visão da psicologia comunitária não há engajamento em movimentos políticos como fontes de mudanças ou vantagens. Os psicólogos trabalham com indivíduos da comunidade e/ou com representantes profissionais. Na prática esta posição exige o uso de técnicas novas ou pouco empregadas: o desenvolvimento de uma liderança local, a educação de adultos, a consultoria etc. Os elementos comuns ao grupo seriam o uso de técnicas semelhantes, a participação nos mesmos objetivos e o emprego da estratégia normativa-reeducativa.

A psicóloga Hannah Levin (1970), agindo como consultante em um Centro de Saúde Mental Comunitário, observou que os clientes do Centro nada tinham a dizer quanto ao seu funcionamento, embora assim o desejassem. Levin tornou-se a advogada da comunidade junto às autoridades de saúde e conseguiu obter sua participação na direção do Centro. Isto provocou uma mudança nas prioridades dos programas, enfatizando aqueles dedicados aos jovens, pois a comunidade considerava uma irresponsabilidade ignorar as necessidades de tantos jovens para ajudar alguns suicidas ou psicóticos. Levin descreveu sua interferência como um exemplo de trabalho em psicologia de ação social, pois o seu objetivo foi a melhoria da qualidade de vida da comunidade.

Os psicólogos clínicos comunitários são aqueles que não aceitam mais a terapia individual como único meio de modificar o comportamento, preferem o uso

das técnicas de intervenção de crise, envolvendo o meio social do cliente. Esta posição desloca, do indivíduo para o grupo, a responsabilidade do clínico que visa assim atingir o maior número possível de clientes e passa a preocupar-se mais com a prevenção do que com a cura. Existe atualmente uma grande interação entre o tipo clínico e o de ação social com influências mútuas.

Os psicólogos ligados à engenharia social utilizam técnicas de mudança social consideradas como altamente manipulativas, tendo como objeto o sistema, através das suas organizações e instituições; só indiretamente o trabalho se refere às pessoas. Os choques entre estudantes e policiais em 1967/1968, nos EUA, levaram ao estudo detalhado das tarefas exigidas pelo papel da polícia. Verificou-se que apenas 20% de seu tempo era gasto em tarefas estritamente de repressão ao crime; a maior parte do tempo era consumido entre a redação de relatórios, serviços comunitários e a manutenção da ordem. O treinamento dado aos policiais cobria assim apenas uma parte de suas funções reais; atualmente um treinamento especial lhes está sendo dado em muitas cidades, incluindo mediação em disputas conjugais, o reconhecimento de estados de perturbação mental e técnicas de controle em situação de grupos.

Podemos assim dizer que a psicologia comunitária abrange as pessoas que, embora tendo ideologia, valores e orientações psicológicas diferentes, e usando técnicas diversas, atribuem à psicologia um papel social mais complexo que excede os aspectos meramente clínicos (Sarason, 1976).

Segundo Kelly (1970), para trabalhar na comunidade, o psicólogo deve perder uma boa parte de sua objetividade distante que o leva a analisar, refletir, estudar e usar a comunidade, porém o impede de ter uma verdadeira interação com as forças que a influenciam. O psicólogo comunitário deve chegar a uma visão ecológica do homem para poder compreender sua interdependência em relação ao meio.

O treinamento de um psicólogo comunitário deve, na opinião de Kelly, obedecer a um certo número de princípios, baseados na premissa de que ele precisa de um processo de socialização diferente. O treinamento deve começar desde a escola secundária. Estágios supervisionados em organizações de comunidade permitirão verificar a aptidão do estudante para este tipo de relação, para a universidade e também para o trabalho com a comunidade. Este treinamento deve se basear em uma interação interdisciplinar contínua. O estudante em seus vários níveis deve ter oportunidade de trabalhar com pessoas de outras disciplinas cujos pontos de vista são, em parte, diversos do seu. Além de facilitar as relações futuras no trabalho, essa medida leva à criação de um *generalista*, sem o lado pejorativo do termo; este tipo de pessoa tornou-se cada vez mais vital, pois as mudanças sociais tendem a diminuir a utilidade do indivíduo superespecializado.

O futuro psicólogo deve adquirir uma perspectiva longitudinal da comunidade, para poder avaliar se o problema atual é de caráter transitório ou terá uma influência a médio prazo nos elementos que determinam as condições de vida. O treinamento do psicólogo deve desenvolver a capacidade de tirar proveito dos acontecimentos, previsíveis ou não, que possam servir de ocasião para uma pesquisa, desde

que o psicólogo esteja alerta a esta possibilidade. Deve ainda ajudá-lo na identificação dos recursos da comunidade e na valorização do trabalho realizado por outros, sob enfoque diferente, pois o esforço para evitar julgamentos de valor pode facilitar enormemente a percepção de recursos e capacidades existentes na comunidade. Finalmente, o treinamento deve continuar mesmo depois de formado e em atividade, pois o psicólogo comunitário tem especial necessidade de se manter em dia, já que está numa posição onde as mudanças sociais têm maior influência.

Em 1974, Aponte afirma que a psicologia comunitária ainda não adquiriu uma identidade. Entre suas possíveis orientações ele cita: a) a extensão da psicologia clínica à comunidade; b) a organização de serviços visando a prevenção primária; c) a planificação de intervenções na comunidade; d) uma visão ecológica do homem. Esta dificuldade de identificação está na base de duas implicações para o treinamento do psicólogo comunitário: a fragmentação do conceito de psicologia comunitária valoriza a criatividade e a flexibilidade no treinamento dos psicólogos e o respeito pelas diversas concepções neste domínio, embora um esforço deva ser feito para valorizar os elementos comuns e manter abertos os canais de comunicação.

### *2.1 Base teórica para modelo educacional*

As diversas definições de psicologia comunitária possuem uma série de postulados teóricos em comum; a) a comunidade deve ser o ponto de partida para a análise e a intervenção; b) deve existir a preocupação com vários níveis de comportamento individual, interpessoal, social, intra e intergrupar, comunitário; c) a tendência para focalizar os níveis mais amplos, nacional e internacional, como objetos de mudança. De acordo com estas bases teóricas comuns o estudante deveria ser preparado para utilizar técnicas relativas à liderança e administração, serviço direto e indireto, pesquisa, educação e supervisão específicas a cada nível de comportamento (Fisher, 1977).

### *2.2 Base prática do modelo educacional*

Os estudantes seriam pessoas vindas dos meios os mais diversos e com experiências básicas variadas, enquanto os professores e supervisores seriam profissionais possuindo uma grande diversidade de formação: advogados, sociólogos, psicólogos etc. A estrutura de ensino deveria ser extremamente variada e baseada em projetos e não em semestres. Os níveis de treinamento poderiam variar desde o de graduação até o de pós-graduação, pois existe necessidade de pessoal em todos os níveis. Nos níveis mais baixos encontrar-se-ia o generalista e nos níveis mais altos o especialista em alguns domínios, tendo porém um conhecimento geral do campo. O treinamento deveria ser feito através de trabalhos de campo tanto quanto em situações acadêmicas.

Implícito neste modelo está a tendência a afastar-se das correntes da psicologia clínica e a aproximar-se dos programas criativos de mudança social.

### Summary

The paper discusses the social responsibilities of psychology today, the conflicts between basic and applied science and the need for relevance in research for social psychology.

The role of community psychology is seen through its different areas of application, and the importance of interdisciplinarity and field work in the training of future community psychologists.

### Bibliografia

Aponte, J. In search of an educational model for community psychology. *J. of Community Psych.*, (7): 301-5, 1974.

Fisher, R. J. Applied social psychology. A partial response to Sarason's suggested divorce. *Canadian Psychological Review*, 4 (18): 346-52, 1977.

Hilgard, E. R. Toward a responsible social science. *J. Applied Social Psychology*, (1): 1-6, 1971.

Kelly, J. G. Antidotes for arrogance: training for community psychology. *Amer. Psychologist*, 6 (25): 525-531, 1970.

Levin, H. Psychologist to the powerless. In: Korte F. F. et alii. eds. *Psychology and the Problems of Society*, Washington, DC., APA, p. 121-7, 1970.

Mc Guire, W. J. Some impending orientations in social psychology. Some thoughts provoked by Kenneth Ring. *J. of Exp. Social Psycho.*, (3): 124-39, 1967.

Milgram, S. Behavioral study of obedience. *J. of Abnormal and Social Psycho.*, (67): 371-8, 1963.

Miller, G. Psychology as a means of promoting human welfare. *Amer. Psychologist*, (24): 1.063-75, 1969.

Ring, K. Experimental social psychology: some sober questions about frivolous values. *J. of Exp. Social Psych.*, (3): 113-23, 1967.

Rodrigues, P. A Psicologia social: problemas atuais e perspectivas para o futuro. *Arq. Bras. Psic. Aplicada*, (28): 1, 3-19, 1976.

Sarason, B. S. Community psychology networks and Mr. Everyman. *Amer. Psychologist*, (31): 317-28, 1976.

Scribner, S. What is community psychology made of. *APA Division of Community Psych. Newsletter*, (2): 4-6, 1968.

Silverman, I. Why social psychology fails. *Canadian Psychological Review*, (18): 4, 353-8, 1977.